



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA – UEPB**  
**CENTRO DE EDUCAÇÃO – CEDUC**  
**DEPARTAMENTO DE LETRAS E ARTES – DLA**

**COSME EDVALDO SANTOS MEDEIROS**

**O “SAIR DO ARMÁRIO” NA UNIVERSIDADE: TECENDO OLHARES SOBRE O  
PRECONCEITO HOMOSSEXUAL MASCULINO NO CURSO DE LETRAS**

Campina Grande – PB  
2016

COSME EDVALDO SANTOS MEDEIROS

**O “SAIR DO ARMÁRIO” NA UNIVERSIDADE: TECENDO OLHARES SOBRE O  
PRECONCEITO HOMOSSEXUAL MASCULINO NO CURSO DE LETRAS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Letras e Artes da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciatura em Letras – Língua Espanhola.

Orientador: Prof. Me. Alessandro Giordano

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

M488s Medeiros, Cosme Edvaldo Santos  
O "sair do armário" na universidade [manuscrito] : tecendo olhares sobre o preconceito homossexual masculino no curso de letras / Cosme Edvaldo Santos Medeiros. - 2016.  
34 p. : il. color.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Espanhol) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2016.

"Orientação: Prof. Me. Alessandro Giordano, Departamento de Letras e Artes".

1. Homossexualidade masculina 2. Preconceito 3. Identidade de gênero 4. Diversidade sexual I. Título.

21. ed. CDD 306.766 2

COSME EDVALDO SANTOS MEDEIROS

O "SAIR DO ARMÁRIO" NA UNIVERSIDADE: TECENDO OLHARES SOBRE O  
PRECONCEITO HOMOSSEXUAL MASCULINO NO CURSO DE LETRAS

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado  
ao Departamento de Letras e Artes da  
Universidade Estadual da Paraíba, como  
requisito parcial à obtenção do título de  
Licenciatura em Letras - Língua Espanhola.

Aprovado em: 21/12/2016.

BANCA EXAMINADORA



Nota: 9,5

Prof. M<sup>c</sup>. Alessandro Giordano (Orientador)

Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Nota: 9,5

Prof. Allyson Raonne Soares do Nascimento

Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Nota: 9,5

Prof. Luciene Fernandes Carneiro Giordano

Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Nota Final: 9,5

Quando lutas vierem me derrubar, firmado em  
ti eu estarei, pois tu és o meu refúgio, ó Deus.

## AGRADECIMENTOS

Ao senhor Deus, por todas as vezes que eu pensei em fraquejar, mas ele estava ali, ao meu lado segurando a minha mão para que o obstáculo da desistência nunca viesse persistir. Pelo dom da vida e pela perseverança na minha fé, paciência e, acima de tudo, o amor que o senhor tem por mim.

Aos meus pais, em especial a minha mãe Francinete dos Santos, por todo ensinamento e apoio que me deste para eu chegar até aqui, as suas lições de vida que me ensinaram a ser uma pessoa mais humilde, dedicada e esforçada, nos meus estudos, nos meus trabalhos e na minha vida pessoal. Ela é a razão da minha vida, a joia mais rara que esse mundo pôde ter, é assim que a senhora é pra mim, um tesouro que pra sempre eu vou guardar. E se Deus me desse uma chance de viver outra vez, eu só queria se tivesse você.

Ao meu orientador, Alessandro Giordano, por ter acreditado na minha capacidade, e pelo seu “sim” em um momento tão movimentado de sua vida. Ao meu Co-orientador Allyson Raonne, por todas as vezes que me apoiou, por ter acreditado no meu esforço, na minha luta, por sempre ficar no meu pé, me aconselhando e me apoiando nas minhas decisões, mesmo em pouco tempo de conhecimento, meu muito obrigado.

Aos meus amigos, que durante essa caminhada me deram forças para eu seguir em frente. Aos meus amigos universitários, por todos esses anos de convivência, onde pude encontrar pessoas maravilhosas e de grande coração, no qual me deram forças em momentos tão difíceis na minha vida e sempre estiveram ao meu lado.

Em especial, a Alda Kaline, Raimunda Aparecida, Auzira Nalzira, por sempre me apoiarem, nos momentos de tristeza e de alegria, pela confiança, pelas brincadeiras, risadas, o meu muito obrigado meninas por serem realmente verdadeiras amigas. Amigas que levarei em meu peito onde eu estiver.

Por último, em especial a minha avó Rita Petronila de Medeiros, no qual através do AVC dela, pude sentir o quão grande é a minha fé em Deus, pois nos momentos difíceis de sua vida, onde muitos desacreditaram em sua sobrevivência, eu nunca deixei de orar e clamar a Deus por cada minuto do seu existir. Fé, pela qual, vi o senhor mover montanhas, e graças a Jesus Cristo, minha avó esta viva, ao nosso lado com seus 87 anos. Anos esses, onde pude sempre estar ao seu lado, em todos os momentos de precisões e orações. Amo-te, Vovó Rita.

"Os que esperam no Senhor renovarão as suas forças, subirão com asas como águias, correrão e não se cansarão, caminharão e não se fatigarão..."  
Isaías 40:31

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO.....</b>	<b>07</b>
<b>2. APORTE TEÓRICO.....</b>	<b>10</b>
2.1 Identidades sexuais e de gêneros: um estudo de caso na contemporaneidade.....	10
2.2 Diversidade vs desigualdade.....	15
2.3 O nascimento de um novo sentido: a homossexualidade e o “Sair do armário” .....	18
<b>3. RESULTADOS E ANÁLISE DE DADOS.....</b>	<b>20</b>
3.1 Os preceitos sobre uma abordagem homossexista.....	21
<b>4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>31</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>33</b>



## O “SAIR DO ARMÁRIO” NA UNIVERSIDADE: TECENDO OLHARES SOBRE O PRECONCEITO HOMOSSEXUAL MASCULINO NO CURSO DE LETRAS

Cosme Edvaldo Santos Medeiros

### RESUMO

Tendo em vista as diversas formas e facetas do preconceito que os homossexuais vêm enfrentando historicamente perante a sociedade heteronormativa e excludente, o presente trabalho tem como objetivo analisar e refletir sobre o conceito de gênero e a diversidade sexual a partir da visão de alguns teóricos como Abromovay (2004), Mott (2033), Louro (2004), Scott (1995), entre outros, tal como algumas abordagens e estudos acerca desse tema. O preconceito e a discriminação sofridos por pessoas que se relacionam com sujeitos do mesmo sexo vêm sendo tema bastante recorrente nas discussões acadêmicas, de forma geral pela sociedade. Nesse sentido, verificamos sua inegável importância para os estudos sobre a sexualidade. Assim sendo, os trabalhos aqui analisados se remetem a preocupação sobre as “novas” possibilidades de viver a sexualidade nos dias atuais através dos estereótipos, mostrando de que forma essa variante interfere no contexto dos alunos do curso de Letras. Metodologicamente, esse estudo é de abordagem qualitativa, de acordo com Minayo (2001) a partir de um levantamento ou *survey* segundo os preceitos de Fonseca (2002), utilizamos como instrumento de aplicação um questionário estruturado com os graduandos masculinos do curso de Letras Espanhol, Inglês e Português, da Universidade Estadual da Paraíba, Campus I, Campina Grande. No tocante ao instrumento de geração de dados o questionário foi mais viável a nossa investigação, pois os colaboradores desta pesquisa não são identificáveis.

**Palavras-Chave:** Homossexualidade masculina; Preconceito; Identidade de gênero; Diversidade sexual.

### 1 INTRODUÇÃO

Atualmente a homossexualidade vem sendo bastante discutida nos âmbitos escolares e universitários do nosso país, provavelmente por possuir um histórico extremamente conturbado e por ser um tema cada vez mais discutido na sociedade. A homossexualidade é cultural e histórica, visto que existe na sociedade desde os primórdios da humanidade ocupando posição social marginalizada, principalmente a partir da Idade Média, configurando-se assim um histórico de sofrimento e preconceito por parte dos sujeitos homoafetivos. É um assunto delicado, no qual os homossexuais buscam o reconhecimento dos

seus direitos lutando contra o preconceito existente na padronização de gênero em relação a eles desde tempos antigos.

O sujeito que hoje entendemos como homossexual, desde tempos remotos possui uma história marcada por mudanças acentuadas, esses indivíduos eram vistos historicamente sob a tríade pecado-crime-doença. Vale salientar, porém, que nenhuma dessas teses se confirmou cientificamente e, por isso, essas formas de conceber a sexualidade vieram por ruir. Histórico e culturalmente, essa era a imagem construída dos homossexuais. Todo esse percurso levou a caracterização de uma imagem social do *gay* contraditória, incompleta, preconceituosa e segregadora.

A orientação sexual passa a ser alvo de crítica pela sociedade heteronormativamente estabelecida, sem ao menos compreender a homossexualidade como um caminho dentro da amplitude das discussões e possibilidades em torno do campo da sexualidade. Tais julgamentos, por sua vez, estabelecem-se a partir de uma visão hipócrita e antecipada muitas vezes guiada pela falta de reflexão acerca de um tema que, atualmente, ainda segue rodeado de tabus. Tais incongruências concorrem para a manutenção do preconceito. Dessa maneira, a qualquer momento e em qualquer contexto social os sujeitos que se julguem homoafetivos podem ser vítimas da discriminação e do assédio sexual, por essa razão muitas vezes tais sujeitos preferem viver escondidos nas sombras e no submundo dessa sociedade vigilante e punitiva. Por esses motivos e muitos outros, entendemos que a maioria dos *gays* que não assumem sua orientação sexual vive trancados dentro de um “armário”, com medo da repressão e da conduta de certos grupos de pessoas.

Segundo o antropólogo Luiz Mott (2003), “a importância de estudar a homossexualidade na realidade brasileira é ter a possibilidade de desvendar as raízes do preconceito em nossa sociedade, contribuindo para erradicar a intolerância e a crueldade contra os homossexuais”. São poucas pessoas que enfrentam debater sobre o homossexualismo no mundo em que vivemos, devido ser um tema amplo e bastante delicado a ser discutido.

Falar de diversidade sexual mexe um pouco com o nosso psicológico e ao mesmo tempo passamos vivenciar o que os homossexuais sofrem em meio a tanta discriminação e ao preconceito existente, muitas vezes um preconceito velado, mas que segrega e marginaliza da mesma forma. Nesse sentido, o objetivo geral deste trabalho é analisar o que levam as pessoas a pensarem preconceitosamente que a maioria dos universitários masculinos de Letras são homossexuais.

Na mesma linha da reflexão anterior, o termo “armário”, transposto para o contexto da universidade, serve para classificar uma parcela de *gays* que fogem de si próprio e preferem negar, esconder ou simplesmente não falar sobre sua orientação sexual. Sendo assim, submetem-se a negação dos próprios desejos para que possam viver dessa forma dentro dos padrões de sexualidade socialmente vigentes. Escolher o “armário”, na nossa concepção, seria uma forma de autopunição, pois, reflete uma “escolha” por viver na escuridão, rechaçar sua própria identidade e lutar contra si.

Então, nesse sentido, como objetivos específicos, discutiremos neste trabalho a influência que os estereótipos relacionados aos homossexuais masculinos exercem sobre a comunidade de estudantes de Letras encaminhando o discurso desse contexto para uma visão preconceituosa sobre o tema objeto de nosso estudo. Observamos que, de alguma maneira, há essa influência, dependendo do modo de como essas pessoas atuam sobre a vida desses indivíduos homoafetivos. Pretendemos também, identificar quais os fatores determinantes que demonstram esse tipo de preconceito ou estereótipo com os estudantes masculinos de Letras, mostrar como esses estudantes constroem e enxergam sua sexualidade através desse preconceito, discutir o preconceito, a violência e a indiferença a que os homossexuais estão submetidos; e por fim, identificar quais as dificuldades em lidar com a questão da homossexualidade no âmbito acadêmico.

Como problema deste trabalho, temos o discurso sobre a homossexualidade masculina em relação ao preconceito enfrentado pelos estudantes de Letras. Nesse sentido, problematizamos a questão da sexualidade relacionada aos graduandos e, para uma melhor compreensão dos fatos e dados gerados, questionamos: De que forma podemos compreender como esses estudantes constroem e enxergam sua sexualidade através da estereotipação dos sujeitos masculinos do curso de Letras?

A realização deste trabalho, por sua vez, justifica-se pelo interesse pessoal do próprio pesquisador, o que nos levou a desenvolver este trabalho. *A priori*, foram as experiências de vida de um estudante graduando em Letras, o qual sempre sofreu e presenciou desrespeito e preconceito das pessoas pelo simples fato de apresentar alguns traços efeminados o que juntamente com a questão do curso de letras colaboram para a manutenção da discriminação que relaciona os dois elementos objeto de nosso estudo: homossexualidade e curso de Letras. A partir dessa experiência surge o desejo de produzir um estudo mais detalhado sobre o tema uma vez que ele (nesse caso, o próprio pesquisador) começou a sentir na pele o que é ser homossexual/gay numa sociedade marcada pela discriminação, rejeição e estereotipação.

Toda essa violência – simbólica muitas vezes - e desrespeito pode ser sentida não só na universidade, mas nas ruas, nas escolas, nos grupos amigos e até mesmo no âmbito familiar.

A escolha dos colaboradores desta pesquisa, ou seja, homens universitários de Letras se deu pelo fato de constatarmos que a comunidade acadêmica e a sociedade em geral, discrimina os sujeitos masculinos pelo simples motivo de estudar Letras este sendo concebido como um curso de viés exclusivamente feminino. Tal concepção, mostra-nos que há um grande preconceito existente para com esses universitários. Homens delicados, atenciosos, com traços efeminados não são bem vistos pelas pessoas, são na maioria das vezes excluídos, rejeitados onde não deixa de ser um reflexo da “sociedade geral”.

No entanto, este artigo traz à tona um debate e uma reflexão sobre a homossexualidade masculina, na convicção de que possa contribuir para a construção de uma sociedade menos preconceituosa e mais democrática. Segundo Giddens (1993) “os homossexuais ainda enfrentam um preconceito profundamente enraizado, e muito comumente, uma violência aberta” (GIDDENS, 1993, p. 44). Assim sendo, percebemos que o homossexual é discriminado pela sociedade por discordar dos padrões culturais e sexuais exigidos. Por outro, lado o que a comunidade LGBT luta é por possuir alguns direitos constitucionais que ainda são privilégios dos heterossexuais.

Diante do exposto até aqui, o presente trabalho pretende analisar e discutir os preconceitos e indiferenças relacionadas aos estudantes masculinos de Letras visto que, circulam crenças que servem para manter a esterotipação acerca desse curso.

## **2 APORTE TEÓRICO**

Nesta abordagem teórica, iremos mostrar como o sujeito homossexual é tratado pela sociedade estudantil voltado para o curso de Letras, deixando explícito que o preconceito e a discriminação ainda existem pela classe dominante que se refere a “sociedade” geral como um todo.

### **2.1 Identidades sexuais e de gêneros: um estudo de caso na contemporaneidade**

Segundo Bauman (2005) “a identidade é vista como um horizonte ao qual o indivíduo se empenha, se avalia, censura e corrige os seus movimentos, ou seja, se define como sujeito”. Este autor tende a nos mostrar que a identidade vem aparecer como alguma coisa a ser inventada ou criada, e não descoberta, respaldando que o próprio sujeito não

nasceria com uma identidade pré-definida, pelo contrário, essa identidade seria construída ao longo de sua vivência tornando algo a ser comparada pelo autor em forma de um “quebra-cabeça incompleto”, no qual uma peça sempre poderia ser encaixada modificando o resultado da imagem explícita desse indivíduo ou agregando aquilo que lhe falta.

Como diz Butler (1999, p. 153), “a diferença sexual não é, nunca, simplesmente, uma função de diferenças materiais que não seja, de alguma forma, simultaneamente marcadas e formadas por práticas discursivas”. No entanto, a reconstrução das identidades, tende a vim refletir na maneira em que a sociedade vivencia gênero e sexualidade em nosso cotidiano, e consequentemente nos indivíduos que regem a educação, tornando nesse sentido as perspectivas essencialistas e universalizantes inadequadas.

Partindo deste raciocínio, Hall (2007, p. 110) é bem esclarecedor nesse sentido quando vem afirmar que;

“As identidades podem funcionar, ao longo de toda a sua história, como pontos de identificação e apego apenas por causa de sua capacidade para excluir, para deixar de fora, para transformar o diferente em exterior, em abjeto. Toda identidade tem, à sua margem, um excesso, algo a mais. A unidade, a homogeneidade interna, que o termo “identidade” assume como fundacional não é uma forma natural, mas uma forma construída de fechamento: toda identidade tem necessidade daquilo que lhe “falta” – mesmo que esse outro que lhe falta seja um outro silenciado e inarticulado” (HALL, 2007, p.110).

O autor remete em suas palavras, sobre a existência das identidades que sofreram e ainda sofrem um silenciamento por parte do papel dominante que segue a sociedade, articulando uma comparação em forma de uma “colcha de retalhos”, onde cada “retalho” decodificaria uma identidade que tende a compor o sujeito, mostrando suas identidades pessoais.

De forma geral, para melhor tratar desse tema, devemos nos remeter à nossa sociedade, levando em consideração a sua heterogeneidade que se dá, como dito anteriormente, em razão das diferenças entre os seus membros. No entanto, essa heterogeneidade se reflete em nós a partir do momento que as diferenças e semelhanças existentes entre os indivíduos ajudam a compor a nossa identidade.

Podemos observar que os termos sexualidade e gênero, estão sendo bastante discutidos no campo acadêmico e na vida social. Existem muitas discussões ligadas às

discriminações voltadas ao gênero do movimento feminista após a década dos anos 60, que se preocupou em analisar o papel masculino na sociedade e a sujeição da mulher. Assim:

Consolida-se a ideia de que gênero é uma construção cultural e não estaria ligado de forma linear e direta com o sexo biológico, mas sim com os aspectos sociais que se construiu e se representou sobre o sexo ao longo da história, se tratando da organização social da relação entre os sexos indo de encontro à rejeição ao determinismo biológico. (SCOTT, 1995, p. 71-99).

Essa abordagem está totalmente associada ao sexo biológico que se procura em pensar nos sujeitos (masculino e feminino) como seres reprodutores ligados a historicidade do processo de constituição familiar. No mesmo caminho, podemos entender que os gêneros podem ser construídos a partir de uma visão sexista do tema. A masculinidade e feminilidade são abordados, nessa perspectiva, a partir de crenças, identidades e preferências.

A sexualidade em si diz respeito a muitas outras esferas relacionadas à atuação humana que vão além do ato sexual, inclusive, interfere na produção de conhecimentos e aptidões. Levando em consideração essa discussão para o campo educativo, Louro afirma que:

[...] sem a sexualidade não haveria curiosidade e sem curiosidade o ser humano não seria capaz de aprender. Tudo isso pode levar a apostar que teorias e políticas voltadas, inicialmente, para a multiplicidade da sexualidade, dos gêneros e dos corpos possam contribuir para transformar a educação num processo mais prazeroso, mais efetivo e mais intenso. (LOURO, 2004b:72 e 2004c:28).

O conceito de gênero vem se colocar em contraposição a concepções essencialistas e naturalizantes, que estão presas a distinções de caráter biológico, obscurecendo as razões sociais e históricas das diferenças e desigualdades entre homens e mulheres. Portanto, falar em gênero, não se fala apenas de macho ou fêmea, mas de masculino e feminino, remetendo a construções sociais, históricas, culturais e políticas. Esse determinismo biológico, no entanto, não é capaz de atender aos desejos da sexualidade plena, pois não reconhece os seres em sua dimensão psicossocial priorizando o reprodutivismo apenas.

Para se compreender a sexualidade humana como uma construção sócio-histórico-cultural é preciso entender que o sexo (ou gênero) apresenta diferentes conotações diante das culturas em épocas distintas, que se caracterizam pelas suas diferenças anatômicas entre

homem e mulher mostrando os seus significados ligados aos comportamentos sexuais, crenças e identidades, as quais não se relacionam a uma simples evolução, mas que são modelados nas relações sociais pelos seres humanos. Sobre isso nos fala Oliveira (2009):

O estudo de gênero e sua compreensão surgem pela forma como a cultura expressa as diferenças entre homens e mulheres e de que modo a caracterização das diferenças inerentes ou aprendidas entre os sexos pode servir como ponto auxiliar para compreensão da exclusão das pessoas que vivem a experiência homoerótica como entes capazes de direitos e obrigações. (OLIVEIRA, 2009, p. 159-170).

Segundo a autora, os sujeitos tendem a aprender o conceito de status sexual através dos seus comportamentos adquiridos, ou seja, é dentro desta linha que se conceberá a masculinidade e a feminilidade, se convertendo em identidades psicológicas a cada pessoa. No entanto, a participação diversa dos homens e mulheres em instituições sociais, econômicas, políticas são marcadas pela identificação dos diferentes papéis sexuais, incluindo atitudes, valores e expectativas que uma dada sociedade conceitualiza como femininas ou masculinas.

As identidades de gênero se entropõem as questões que estão vinculadas a sexualidade, mostrando que as identidades sexuais vêm a se constituir pelos modos em que os indivíduos possam vivenciar sua sexualidade, seja ela qual for. No entanto, é através das identidades de gêneros que os sujeitos (homem e mulher) são identificados socialmente e culturalmente. Em nosso cotidiano o homem é visto pela sociedade como heterossexual, e o homossexual é como se fosse uma falha genética na identidade de gênero.

A partir dessa concepção, podemos falar também que a sexualidade e gênero nem sempre são compreendidos pela sociedade. Louro (2009) chama a atenção para essa lógica na qual a partir de vivências travadas no âmbito da sexualidade acabam tendo efeitos no âmbito do gênero, como por exemplo, a atribuição da qualificação “mulherzinha” ao homem homossexual e a sua suposição de que uma mulher lésbica é “mulher – macho”. Percebe-se que a transgressão da norma heterossexual não afeta apenas a identidade sexual do sujeito, mas muitas vezes representa uma “perda” do seu gênero “original”.

Borrillo (2010) através dessa ideia estabelece o conceito de homofobia:

É assim que a homofobia geral permite denunciar os desvios e deslizos do masculino em direção ao feminino e vice-versa, de tal modo que se opera uma reatualização constante nos indivíduos ao lembrar-lhes sua filiação ao “gênero correto”. Segundo parece, qualquer suspeita de homossexualidade é

sentida como uma traição suscetível de questionar a identidade mais profunda do ser. (BORRILLO, 2010, p. 26).

Esse rompimento citado por Borrillo, dentro da diversidade sexual, tende a acentuar a questão do preconceito com os grupos LGBT (incluindo, travestis e transexuais). Esses sujeitos (os homossexuais) são os que mais sofrem preconceitos e discriminações, devido a sua orientação sexual e à identidade de gênero. A homofobia é tida como uma atitude de violência simbólica ou física respaldada pelo preconceito contra pessoas que se relacionam afetivo-sexualmente com outras do mesmo sexo. Pragmaticamente, esse preconceito é diariamente marcado por gestos, olhares, palavras, discursos, agressões e em casos mais extremos assassinatos. Na condução desse tema, Luiz Mott, em seu livro *Homossexualidade: Mitos e Verdades* (2003), retrata o ódio doentio historicamente lançado contra aqueles que ousam transgredir a ditadura heterossexista:

A este ódio mórbido contra a homossexualidade a Psicologia chama de *homofobia internalizada*, provocando nestes doentes, sintomas diversos, incluindo neurose de frustração sexual, suicídio e atos de violência, como agressões e assassinato sádico de homossexuais (MOTT, 2003, p. 23).

A homossexualidade foi ao longo dos tempos em diferentes culturas motivo de punição, vergonha, segregação e violência contra todos aqueles que atravessassem a fronteira da heteronormatividade. Violência essa, composta por uma séria de fatores e sentimentos negativos por pessoas homofóbicas, tornando-as doentes e agressoras, por sentirem arrogância e repugnância contra os homossexuais.

Defende-se então, que a identidade é algo que está em processo de construção, com linhas fronteiriças tênues e constantemente mutáveis. Sendo assim, apresenta múltiplas facetas nas quais cada indivíduo possui através de suas diferenças a representação da sua própria subjetividade. Dessa forma, o *gay* nos dias de hoje não é mais o “maloqueiro” ou “veado”, assumir-se *gay* significa construir sua própria identidade, legitimando-a. Portanto, essa legitimação da identidade *gay*, precisa ser encarada de forma naturalizada pelos grupos sociais nos mais variados contextos.



## 2.2 Diversidade vs desigualdade

O conceito de diversidade sexual está ligado ao reconhecimento das diferentes possibilidades de expressão presentes na sexualidade ao longo da existência dos seres humanos. Entre essas possibilidades se destacam: a heterossexualidade, a homossexualidade e a bissexualidade. Diante dessa concepção, somos cientes de que nascemos e vivemos num determinado tempo e lugar, onde fazemos parte de um grupo familiar, de uma comunidade, de um país. Apresentamos e adquirimos hábitos, costumes, valores e crenças ligados à nossa história e ao modo de vida pelo qual nascemos e crescemos. É importante mencionar que não somos apenas natureza, mas também somos cultura, onde criamos e recriamos, interferimos na realidade, sonhamos, desejamos e buscamos conhecer e compreender melhor o mundo.

Conforme afirma Canen,

Reconhecer que a sociedade brasileira é multicultural significa compreender a diversidade étnica e cultural dos diferentes grupos sociais que a compõem. Entretanto, significa também constatar as desigualdades no acesso a bens econômicos e culturais por parte dos diferentes grupos, em que determinantes de classe social, raça, gênero e diversidade cultural atuam de forma marcante. (CANEN, 2001, p. 207).

Nesse sentido, explorar a diversidade sexual é como “ganhar asas” e poder, é ir além de um olhar estigmatizante, conhecendo e reconhecendo outros marcadores identitários, como por exemplo, de gênero, de raça, de etnia, de orientação sexual e de identidade de gênero, e, com base nestes pressupostos, reconhecer que novas possibilidades de relações sociais geraram mais conhecimento, respeito e tolerância pela diversidade seja qual for à instância. Temos o contato físico com outra cultura, outros valores e às vezes questionamos os costumes e a moral que nos foram dados ou atribuídos, pelo fato de vivermos numa sociedade heteronormativamente estabelecida.

No que concerne a diversidade humana, Araújo (2007) reflete que:

O convívio com a diversidade humana e com as diferenças sociais, econômicas, psíquicas, físicas, culturais, religiosas, raciais, ideológicas e de gênero, ao mesmo tempo em que gera conflitos, pode servir de matéria-prima para a construção da convivência democrática. Nessas relações, nos deparamos com as diferenças e semelhanças que nos obrigam a comparar, descobrir, ressignificar, compreender, agir, buscar alternativas e refletir sobre nós mesmos e sobre os demais. (ARAÚJO *et al*, 2007, p. 6).

A construção do respeito à diversidade sexual passa necessariamente pela desconstrução ou reconstrução do modelo heteronormativo da sociedade, pelo qual considera como padrão de normalidade e respeito somente as relações entre homens e mulheres, excluindo com isso uma parcela significativa de cidadãos (homossexuais), no qual a homossexualidade é vista como uma ameaça e uma doença pela sociedade. Porém, muitas pessoas ao se defrontarem com a diversidade sexual, enxergam o outro como um ser “estranho”, e ao mesmo tempo tem receio do “desconhecido” que não está ligado ao padrão da normalidade estabelecida.

A partir dessas considerações, verificamos que os seres humanos culturalmente constituídos têm dificuldade de incluir em seu círculo de relacionamentos pessoas que tenham pensamentos, hábitos e identidades diferentes das suas, e percebemos que essas dificuldades mostram que certas convivências, experiências e especificidades só serão aceitas quando apresentarem semelhanças com um padrão reconhecido como correto, melhor e único.

Nesse sentido, entendemos que a melhor forma de desconstruir o preconceito, e a consequente discriminação, é discuti-lo. Por isso é fundamental esclarecer aos/às alunos/as certos eventos relacionados à diversidade sexual. Mas, como a discriminação está presente em nosso dia a dia, para enfrentá-la é preciso antes identificá-la. É importante saber que a discriminação contra homossexuais pode se apresentar de duas formas: velada e aberta.

A discriminação velada se manifesta por palavras irônicas, expressões fisionômicas, gestos, representação de trejeitos, silenciamentos. Configura-se, nessa perspectiva, a partir de uma violência simbólica, inclusive. Quase sempre são insinuações com a visível intenção de denegrir ou menosprezar o sujeito foco do preconceito. A nosso ver, uma maneira possível de combater a discriminação velada é estar atento para as brincadeiras, insinuações e zombarias muito comuns entre adolescentes. A discriminação aberta, por sua vez, é a rejeição explícita, a ofensa dirigida a alguém de forma declarada, para que todos vejam e ouçam. A discriminação aberta pode se expressar por meio de agressões verbais ou físicas.

Quando mencionamos que a diferença não se considera como algo que agrega, que multiplica o olhar e o sentido do mundo, a tendência é de incluir os que são diferentes minimizando ou invisibilizando a diferença. Isso mostra que, para aceitar o outro, a diferença deve ser diminuída.

Justamente por isso que atualmente muitos estudiosos valem-se da terminologia orientação sexual por acreditarem que a homossexualidade não seria uma opção, mas sim um sentimento de desejo e amor direcionado para uma identidade construída a partir dos afetos e

sentimentos de reconhecimento no e com o outro. A escolha está implícita sim, mas somente quando decide se relacionar ou não com outra pessoa do mesmo sexo; contar ou não para a sociedade e para a família, enfrentar ou não os padrões sociais representativos da sociedade em que se está inserido. Porém seus sentimentos, a entrega, perceber a si próprio, apaixonar-se, é algo inerente a todo ser humano. Figueiró (2007, p. 29), nos diz:

[...] homens e mulheres, quando começam a perceber que são homossexuais, sofrem, lutam contra esse sentimento, porque aprenderam, desde pequenos, que nossa sociedade aprova apenas o padrão de relacionamento homem-mulher. Sentindo-se “diferentes”, sabem que terão que enfrentar dificuldades e temem perder o amor dos pais, dos irmãos, amigos [...] Se a homossexualidade fosse aprovada socialmente, tanto quanto a heterossexualidade, não haveria sofrimento em perceber-se uma pessoa homossexual. Ao invés de se falar em opção, o correto é dizer que a orientação da pessoa é homossexual.

É comum ouvir ou mesmo reproduzir discurso do tipo “ele é legal, apesar de ser gay” ou “gosto dela, mesmo sendo uma lésbica”. No entanto, a homossexualidade não é uma questão de escolha, e sim, uma condição do próprio indivíduo. Podemos dizer que ninguém escolhe ser homossexual, ninguém vira homossexual, a pessoa se constrói homossexual. Esse tipo de atitude e expressão vem nos mostrar e revelar nossos julgamentos, preconceitos e estereótipos adquiridos ao longo da vida. Se não encaramos a diferença, não pensamos e muito menos questionamos a própria condição, principalmente quando se pertence ao grupo dominante.

Portanto, devemos ter em mente que a diversidade não se refere a desigualdade, e sim a uma forma de garantir que as diferenças não sejam encaradas como algo de menor valor, fazendo com que elas sejam percebidas como positivas mostrando uma sociedade padram igualitária e esvaziando assim o seu caráter discriminador. Devemos inclusive, promover uma reflexão maior sobre a sexualidade conduzindo os sujeitos se caracterizarem a partir de sua própria identidade de gênero. Seria em outras palavras, colaborar para que o outro saia do armário e se assuma homoafetivamente. Esse tema será discutido com mais detalhes na próxima seção.

### 2.3 O nascimento de um novo sentido: a homossexualidade e o “Sair do armário”

Abordar a homossexualidade ainda é algo constrangedor e que causa muito incômodo a sociedade atual. Embora a tendência ao homossexualismo se manifeste desde tempos remotos, os homossexuais não foram historicamente bem vistos aos olhos da heterocultura patriarcalista. Porém, mesmo sendo um tema polêmico a sociedade prefere silenciar e para muitos ainda é um assunto que não se quer ou não se deve discutir. Falar sobre a diversidade sexual e discutir sobre seu gênero, é uma maneira de ajudar aquelas pessoas que precisam de orientação, contribuindo desse modo para a evolução de uma sociedade mais justa e democrática.

O homossexual é visto pelas pessoas como um ser hostilizado, marginalizado, transgressor das regras sociais, surgindo então às discriminações e os preconceitos contra eles. Embora que o mundo esteja bastante desenvolvido, a sociedade ainda não está preparada para aceitar o homossexual como aceitam uma pessoa heteronormativa.

No sentido de dirimir algumas questões referentes a homossexualidade, o Conselho Federal de Psicologia aconselha:

Considerando que a homossexualidade não constitui doença, nem distúrbio e nem perversão... Os psicólogos deverão contribuir, com seu conhecimento, para uma reflexão sobre o preconceito e o desaparecimento de discriminações e estigmatizações contra aqueles que apresentam comportamentos ou práticas homoeróticas... não exercerão qualquer ação que favoreça a patologização de comportamentos ou práticas homoeróticas... não colaborarão com eventos e serviços que proponham tratamento e cura das homossexualidades. (CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA, 1999, p. 10).

Levando em consideração esse aconselhamento, visualizamos alguns dos motivos pelos quais muitos homossexuais não têm coragem de se assumir como *gay*. Conforme Castañeda (2007), como a homossexualidade ainda é considerada um tabu nas culturas ocidentais, o adolescente homossexual tem inúmeras dificuldades para lidar com a sua sexualidade diferente e estigmatizada. É através do medo que o ser homossexual ainda vive preso dentro de um “armário”.

Para melhor entender como é formada essa identidade e vivência homossexual, deve-se considerar uma série de fatores que podem interferir na realidade dos indivíduos que a partilham, sendo o preconceito o primeiro a ser considerado, por atuar muitas vezes de forma

direta na vida destes indivíduos, resultando na sua discriminação e exclusão de determinados grupos sociais.

Na maioria dos casos o preconceito existe pelo não conhecimento da realidade do indivíduo homossexual, pela falta de informação por parte do outro, e até mesmo por parte do próprio indivíduo, associando aos homossexuais concepções negativas e equivocadas. Isso foi percebido quando vimos que até recentemente era natural considerar “doente” um indivíduo homossexual, bem como a falta de informação que leva a discriminação desse indivíduo.

A percepção de que existem pessoas diferentes de nós pode gerar desprezo e discriminação. A diferença é muitas vezes vista como ameaçadora porque coloca em xeque crenças e valores. Não raro, a violência está relacionada à discriminação. Quando se rotula uma pessoa de “bicha”, por exemplo, não se olha para o que ela realmente é ou sente. Quase nunca se pensa no sofrimento que o estigma pode causar. O uso de rótulos negativos marca a pessoa e a desqualifica. As consequências para quem passa a ser identificado apenas por valores negativos são muito sérias, contribuem para o isolamento e a exclusão.

Fatos como esses fazem com que muitos homossexuais não vivenciem de forma plena a sua identidade, vivendo “dentro do armário” (gíria utilizada no Brasil para definir o sujeito que não assume publicamente sua homossexualidade), pois o fato desse sujeito assumir a sua identidade homossexual acarretaria problemas na vivência de suas outras identidades, na sua vida em sociedade. Mas é possível perceber também que muitos homossexuais vêm optando pelo “coming out”, ou seja, por assumir a sua identidade, “sair do esconderijo” e assumir-se.

Dentro ou fora “do armário”, o indivíduo vive um processo de autorreconhecimento e procura vivenciar com o outro suas angústias e suas identidades, através de um processo de identificação com o outro, e no qual ele procura ser visto, ser “encontrado” pelo semelhante, tendo como estratégia o uso do campo simbólico característico dessa determinada identidade. A respeito dessa discussão e partindo de uma visão antropológica, Kathryn Woodward (2000, p. 64) explicita que “existe, assim, um contínuo processo de identificação, no qual buscamos criar alguma compreensão sobre nós próprios por meio de campos simbólicos e nos identificar com as formas pelas quais somos vistos por outros”.

Sendo assim, *a priori* o processo de se assumir para a sociedade como homossexual vai além de seus sentimentos e desejos. É como se fosse uma luta entre si próprio (crise de subjetividade), em busca da liberdade tão desejada. Isay (1998) afirma que, “o adolescente gay que se assume tem oportunidade de planejar a sua vida sem ser coagido pelas expectativas e convenções sociais. Estas oportunidades trazem consigo a liberdade, assim como a

responsabilidade, de determinar o seu próprio futuro”. Porém, aquela escuridão que o homossexual vivia, já não vive mais. Hoje muitos têm a coragem de se assumir em público, já a maioria vivem amargamente presos na escuridão, com medo dos homofóbicos e das rejeições, seja ela familiar ou social.

O termo “sair do armário” vem demonstrar um avanço aos vínculos homoafetivos demonstrando o respeito por si próprio, a qual não tem vergonha de mostrar o que realmente é para a sociedade, lutando contra o preconceito e por uma sociedade mais justa e compreensiva. De acordo com Castañeda (2007):

Para que o adolescente seja capaz de se assumir para si mesmo, é necessário que ele não se sinta relativamente preso aos danos causados à sua auto-estima, para ser superior à negação de seus sentimentos por pessoas do mesmo sexo, negação provocada pela sensação de ter sido rejeitado pelos pais, amigos e estranhos e por ser estigmatizado socialmente. É importante que ele tenha adquirido independência suficiente e autoconfiança para se assumir para si mesmo, a ponto de perceber que nunca será capaz de corresponder às expectativas de seus pais. (CASTAÑEDA, 2007, p.78).

Portanto, defende-se que o famoso “armário” não serve apenas para se enclausurar ou para esconder sua identidade (o que realmente você é), mas também para esconder o que a sociedade recusa a ver, através da imagem do homossexual.

O desafio está, portanto, em naturalizar as diferenças e perceber que estas, por serem socialmente construídas, podem também ser desconstruídas, através da resistência e da reelaboração dos significados culturais atribuídos a cada sexo. O preconceito ainda é repetido, como enfatizado por Abramovay (2004, p. 291), e nada é feito para mudar tais posturas principalmente no contexto escolar (espaço privilegiado para se discutir sobre identidade de gêneros). Por mais que tenhamos determinações que regem nossa educação, ela não é garantia de que a classe docente conseguirá promover resultados positivos no âmbito educacional, social e das relações interpessoais.

### **3 RESULTADOS E ANÁLISE DE DADOS**

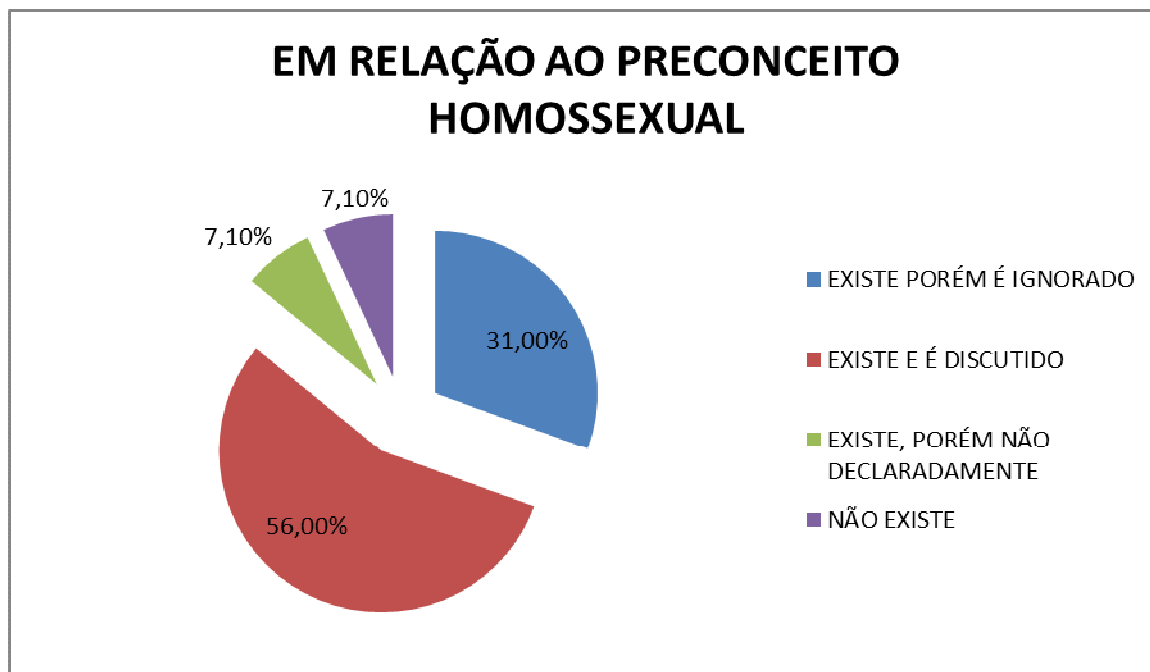
Nesse momento, pretendemos apresentar os dados coletados durante a pesquisa. Para tal nos utilizamos de um questionário estruturado cujas respostas mais relevantes serão

discutidas a seguir. Colaboraram com esta pesquisa 84 participantes que responderam ao questionário on-line.

### 3.1 Os preceitos sob uma abordagem homossexista

Nosso estudo pretende refletir a partir da análise de crenças a respeito da formação de professores de Letras de que forma os colaboradores da pesquisa entender que a maior parte do público masculino se assume ou se caracteriza homossexual. Essa seção tem por objetivo detalhar e organizar os dados coletados no transcorrer desta investigação.

Gráfico 1

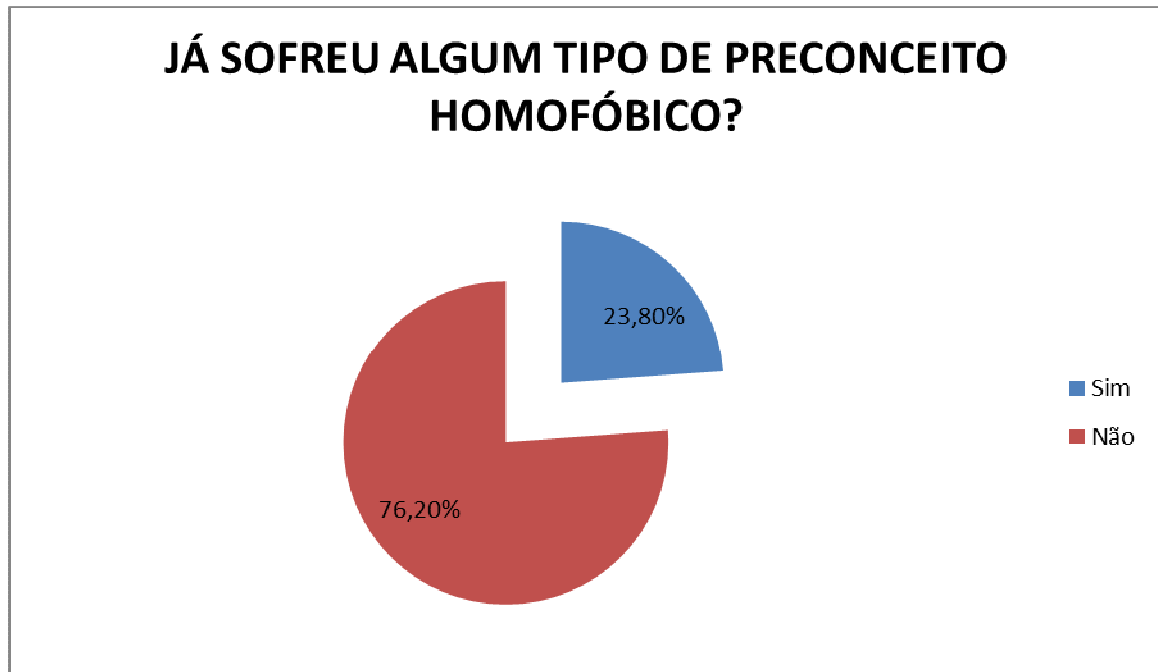


Percebe-se pelo gráfico 1 que a maior parte (56,0%) dos questionados estão convictos de que a maioria dos homossexuais ainda sofrem preconceitos, através da rejeição de algumas pessoas que ainda não aceitam a orientação sexual do indivíduo, tornando-se um assunto polêmico e bastante discutido.

O preconceito em si refere-se a indignação ou insatisfação das diante dos indivíduos que não fazem parte da perfil socialmente exigido, ou seja, daquilo que é diferente a elas ou

ao seu padrão vivenciado na sociedade heteronormativa, ou seja, muitas vezes julgamos o sujeito homossexual por ser gay sem ao menos pensar nas consequências desses atos.

Gráfico 2

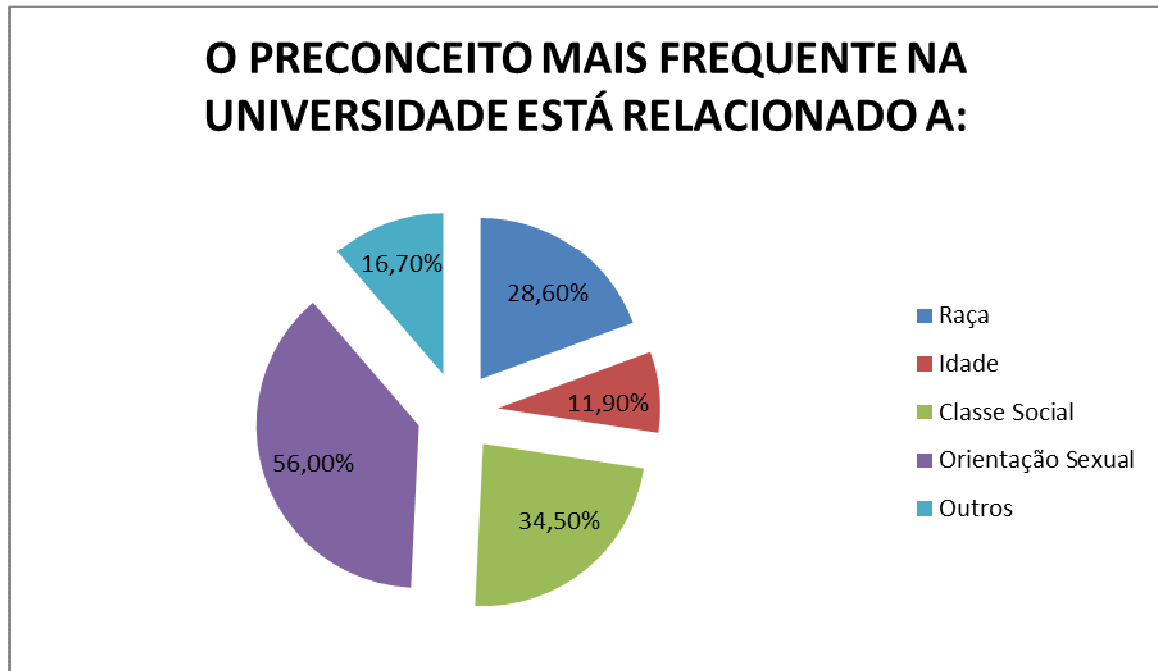


Com relação à homofobia estudantil voltada para a Universidade Estadual da Paraíba, são poucos os estudantes que sofreram esse certo tipo de preconceito, no qual os dados mostram que apenas 23,8% dos estudantes estiveram sujeitos a essa discriminação e 76,2% não sofreram nenhum tipo de preconceito homofóbico.

Desde então, a homofobia é um termo que serve para designar uma espécie de medo irracional da homossexualidade ou da pessoa homossexual, colocando este em inferioridade e utilizando muitas vezes a violência física e também verbal.



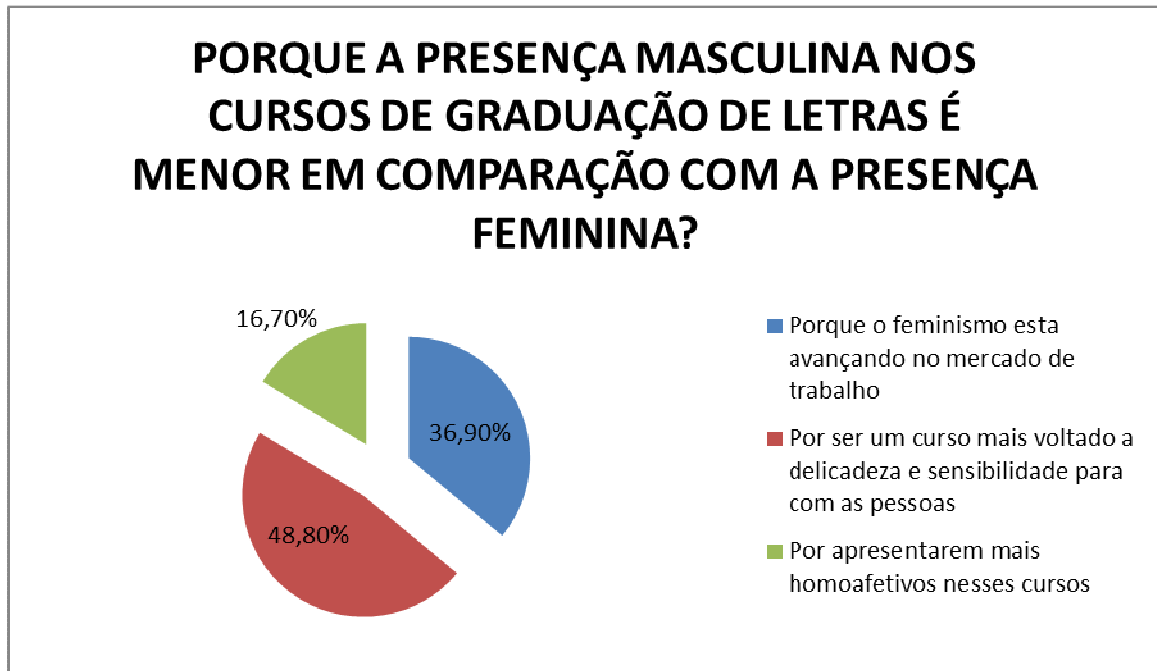
Gráfico 3



Sabemos que hoje em dia existem diversas formas de preconceito, mas o que está sendo muito abordado ultimamente é o preconceito voltado à orientação sexual do indivíduo, termo mais usado nos últimos anos, pois, se refere à direção voltada para o desejo afetivo e erótico de cada pessoa, onde esse desejo pode se direcionar por ter uma única ou principal atração por pessoas do sexo oposto, pessoas do mesmo sexo ou ambos os sexos.

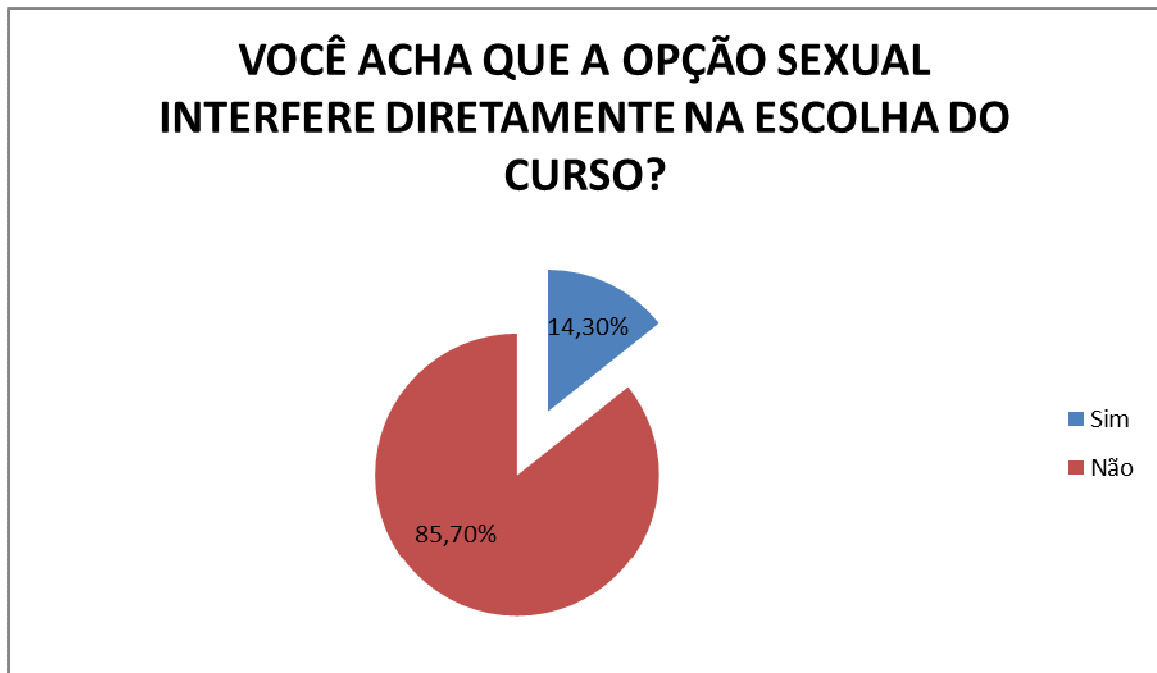
Portanto, 56,0% dos entrevistados dizem que o preconceito está mais direcionado à orientação sexual do indivíduo, no qual o ser humano não nasce com essa orientação sexual definida, pronta e acabada, mas, pelo contrário, é ao longo da vida que vai aprendendo e identificando as diferentes formas de vivenciar os seus desejos conforme as experiências vividas por cada pessoa.

Gráfico 4



Neste gráfico 2, estão colocados os dados referentes à concepção de que o curso de Letras apresenta um maior número de mais mulheres que de homens. Com base nessa asserção, este curso apresenta um maior quantitativo de público feminino levando em consideração para a maior porcentagem das respostas fatores como sensibilidade e delicadeza em lidar com pessoas. A partir da pesquisa, 48,8 % entrevistados responderam a esta tal questão.

Gráfico 5



O gráfico 4 vem nos mostrar que para engajarmos em um determinado curso a opção sexual interfere nessa escolha, pois foi comprovado que 85,7% dos entrevistados afirmam que não é por opção sexual e muito menos pela orientação sexual que irá interferir na escolha do curso desejado.

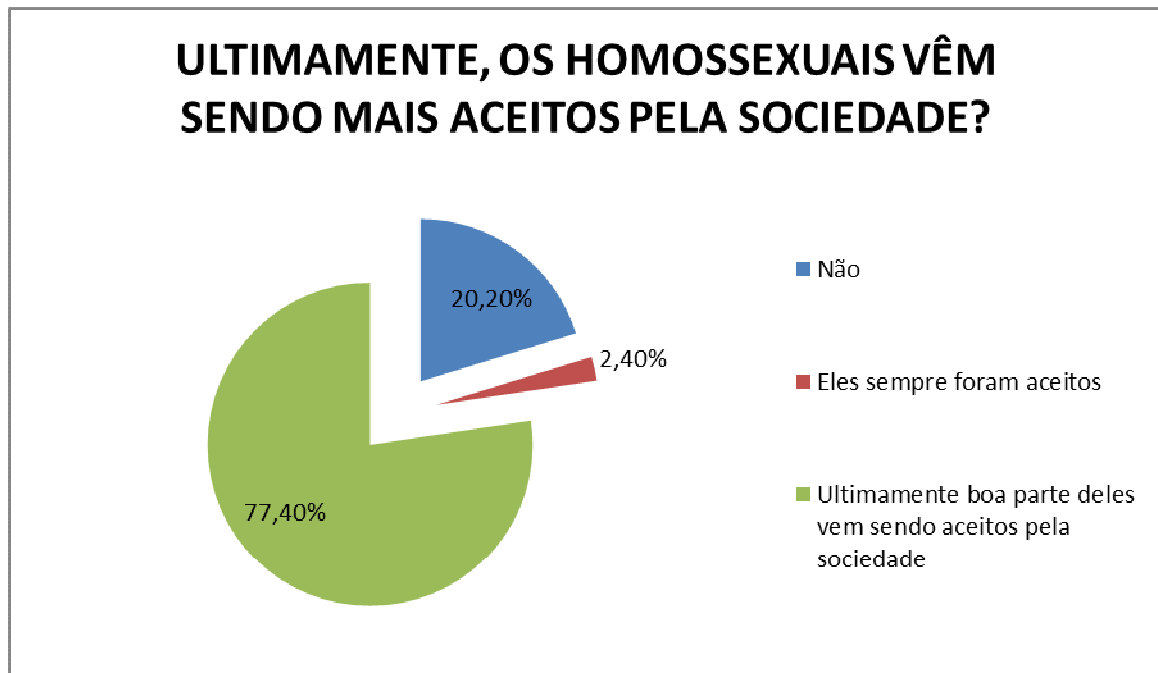
Gráfico 6



Neste gráfico 5, estão colocados os dados referentes a pergunta que no qual percebe-se uma tendência de esconder a homossexualidade. Atualmente, vemos que ainda existe muito preconceito no Brasil voltado aos homossexuais, onde muitos deles são rejeitados, discriminados, espancados e até mortos pelos homofóbicos. Por esse motivo e outros, muitos homossexuais se escondem no seu “armário” não se assumindo publicamente com medo de uma sociedade preconceituosa, na qual muitos querem expor sua sexualidade, mas não conseguem, devido ao preconceito.

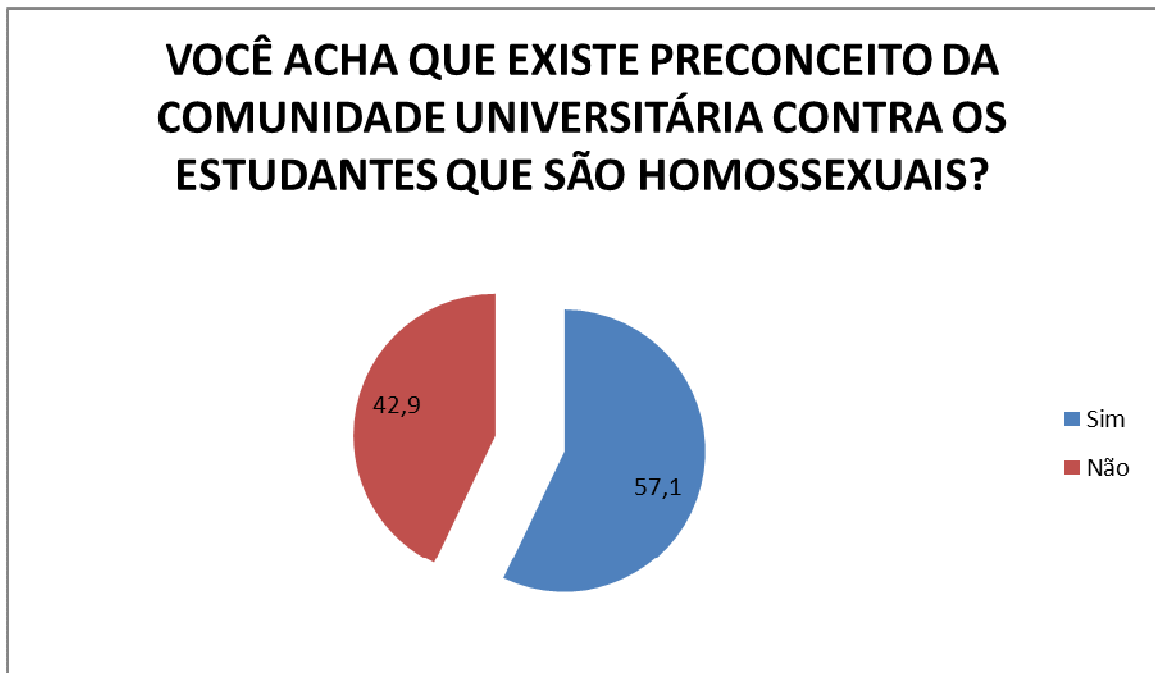
Portanto, é através do medo que a maior parte (79,8%) dos homossexuais ainda preferem manter sua sexualidade em segredo se escondendo, ou melhor, vivendo preso dentro do seu próprio “armário”.

Gráfico 7



Observando o gráfico 7 acima, 77,4% dos questionados apontaram que os homossexuais ultimamente vêm sendo mais aceitos pela sociedade em que vivemos. Já é uma grande conquista para os homossexuais, mas por outro lado, vem a intolerância que aparece em relação a situações concretas, como por exemplo, o afeto entre dois homens, o beijo gay em público e etc.

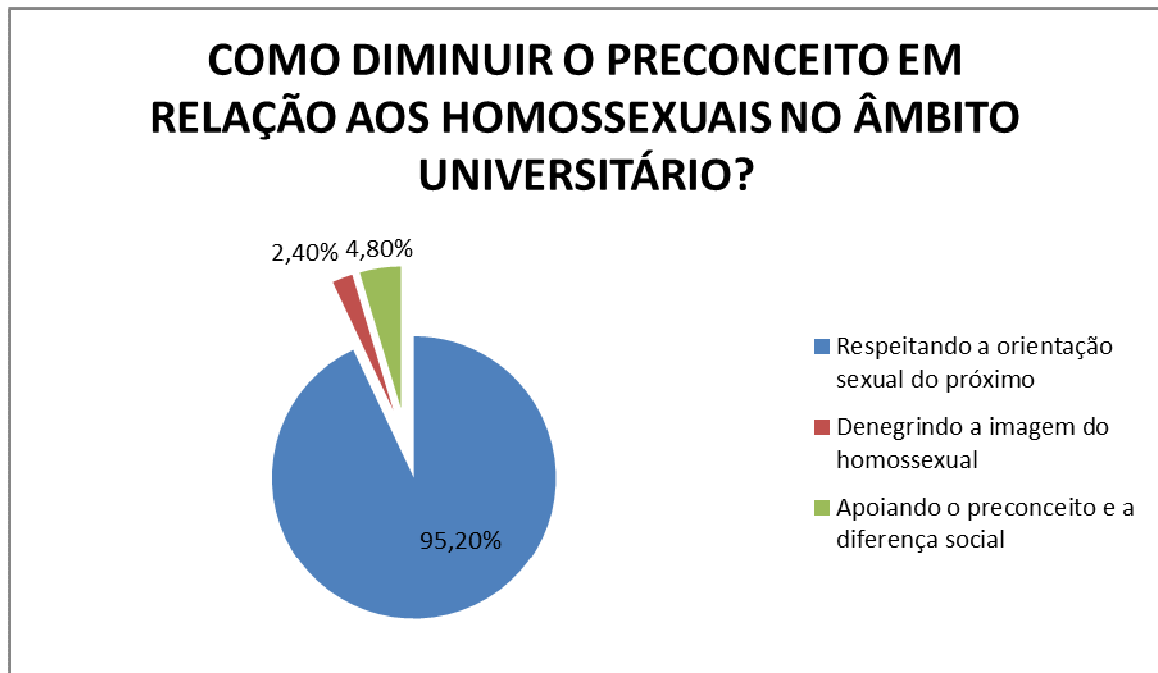
Gráfico 8



Nos dados apresentados no gráfico 8, 57,1% dos entrevistados responderam que existe certo preconceito com alunos homossexuais.

O preconceito, a discriminação, a rejeição contra pessoas que gostam do mesmo sexo, devem começar ser combatidas dentro de casa, para que possa existir menos repugnância para com essas pessoas.

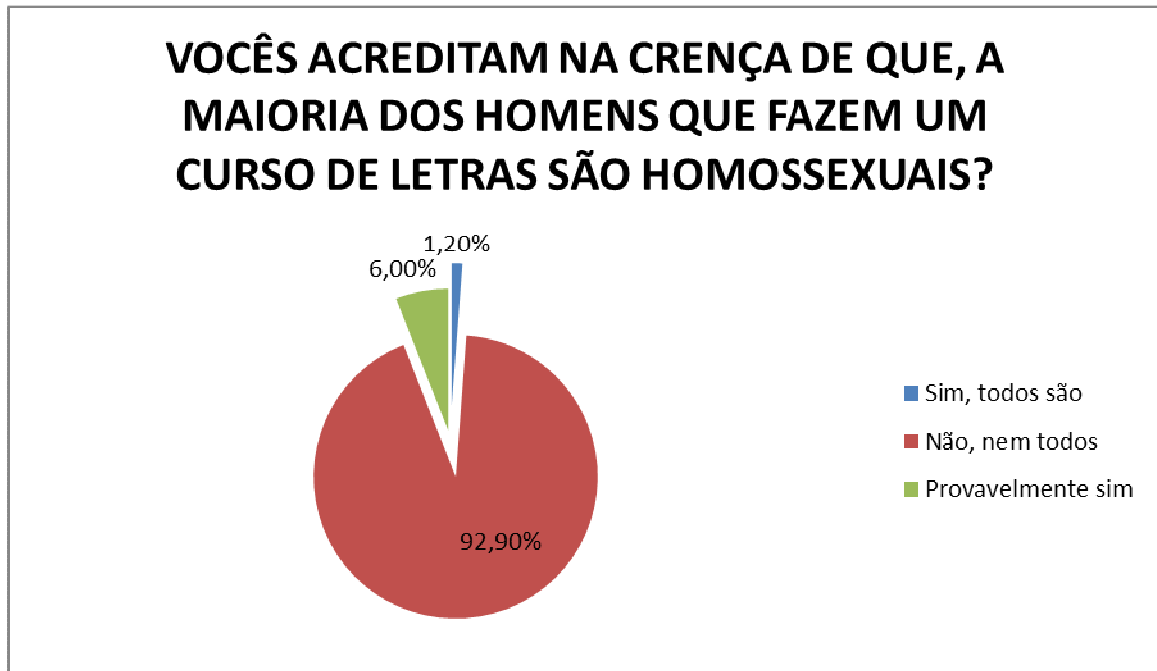
Gráfico 9



Com relação ao gráfico 9, percebemos que 95,2% das pessoas entrevistadas apontam que para que haja menos preconceito e que possa ser diminuído no âmbito universitário, começa primeiramente respeitando a orientação sexual de cada indivíduo. Pois o preconceito e a discriminação contra homossexuais derivam de diversos segmentos que a sociedade aponta.

No entanto, para que possa ter um índice de diminuição relacionado ao preconceito, seria preciso promover ações que pudessem conscientizar a sociedade desse ato escrupuloso e também conscientizar a população em geral mostrando que a tolerância é indispensável e que somente por meio dela alcançaremos um país mais justo igualitário.

Gráfico 10



Percebe-se pelo gráfico, 92,9% dos participantes consideram que não é consenso que todos os homens que fazem um Curso de Letras são homossexuais. Então com esse resultado e como problemática do meu objeto de estudo, afirma-se que o fato de um homem cursar Letras deva ser obrigatoriamente gay. Pelo contrário, como já foi abordado no gráfico 3 a orientação sexual parte de cada pessoa, e ela que terá o livre arbítrio de escolher o que realmente gosta.

Pois alguns sujeitos homoafetivos que cursam Letras já estão convictos do que realmente querem para si, pois ao longo da vida definiram a sua orientação sexual e aprenderam várias maneiras de vivenciar os seus desejos e as experiências vividas no decorrer do seu tempo.



#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme vimos no decorrer desta pesquisa, a identidade de gênero e a diversidade sexual são temas polêmicos que envolvem o ser heterossexual e o homossexual nos dias atuais. Apesar de toda a opressão sofrida pelos homossexuais, esta minoria social tem lutado pelos seus direitos e seu espaço buscando mais igualdade e respeito.

Nesta luta, o Movimento Homossexual se configura como um palco para a visibilidade destes indivíduos, pois são nas paradas do orgulho gay que os homossexuais podem mostrar sua visão de mundo, os seus anseios, e principalmente, sua existência, e estão ali para combater o preconceito. “*Sair do armário*”, colocar seu corpo e sua cultura na rua e mostrando que os homossexuais existem e querem igualdade, está sendo fundamental para a mudança de pensamento e comportamento social como um todo. Uma mudança que provavelmente não aconteceria se os homossexuais continuassem escondidos nas sombras, no submundo da sociedade.

Infelizmente, a intolerância, o preconceito, a discriminação e a rejeição, ainda rondam a vidas desses seres. É algo tão repugnante e doloroso, que só sabe quem é homossexual, pois muitos que praticam esse tipo de preconceito nunca se colocam na pele da pessoa discriminada pela maioria da sociedade. Preconceito esse que surge através da homofobia, algo árduo que leva as pessoas homofóbicas xingarem, espancarem, terem ódio e até matarem pessoas assumidas como homossexuais para sociedade.

No entanto, a discriminação é o processo mais doloroso pelo qual passa um homossexual dentro do espaço vivido. Ser taxado disso ou aquilo não agrada a ninguém. Sob esse aspecto, conclui-se que o mundo ainda gera preconceito, repete o preconceito várias e várias vezes. E ainda assim a sociedade segrega da forma mais cruel: provocando marcas nos corpos dos sujeitos homossexuais, tanto pelos olhares, atitudes, verbalizações ou não e a sua imposição de que não há espaço para “todos”, ou seja, rejeitando as pessoas que são assumidas com *gay*.

De certa forma, o preconceito é construído historicamente dentro das famílias, das religiões, das culturas e da sociedade. Sendo assim, tudo que outrora fora construído, pode ser desconstruído ou reconstruído, a partir de outros prismas de orientação simbólica e cultural. Por esse motivo, muitos não se assumem como homossexuais, pela falta de humanidade, de igualdade, de respeito com os sujeitos que se declaram gays, e também pelos espancamentos dos homofóbicos e pelas piadinhas discriminadoras que sofrem.

Por fim, os homossexuais devem lutar e mostrar quem eles são de verdade, mostrar que eles são seres humanos normais, igual a qualquer outra pessoa. E dizer para a humanidade que ser homossexual não é uma doença e sim uma escolha através das vivencias adquiridas no decorrer da vida, a orientação desejada a qual quer seguir. Não devem se esconder, pelo contrário, devem sair de seus respectivos “armários” e mostrar para sociedade que estão fartos de arrogância, de rejeição, de discriminação, devem buscar um mundo mais igualitário com direitos humanos iguais para todos, e levantar a sua bandeira colorida em busca de paz, amor, compreensão, pois é isso que o homossexual quer, seja ele travesti, transexual, gay, bissexual, etc.

## **EL “SALIR DEL ARMARIO” EN LA UNIVERSIDAD: TEJENDO MIRADAS SOBRE EL PREJUICIO HOMOSEXUAL MASCULINO EN EL CURSO DE LETRAS**

Cosme Edvaldo Santos Medeiros<sup>1</sup>

### **RESUMEN**

Teniendo en cuenta las diversas formas y facetas del prejuicio de que los homosexuales han enfrentado históricamente ante la sociedad heteronormativa y excluyente, el presente trabajo tiene como objetivo analizar y reflexionar sobre el concepto de género y la diversidad sexual desde el punto de vista de algunos teóricos como Abromovay (2004), Mott (2003), Louro (2004), Scott (1995), entre otros, como algunos enfoques y estudio sobre este tema. El prejuicio y la discriminación que sufren las personas que se relacionan con sujetos de mismo sexo, han sido tema bastante recurrente en las discusiones académicas de forma general por la sociedad. En este sentido, verificamos su innegable importancia para los estudios sobre la sexualidad. De este modo, los trabajos aquí analizados, se remeten a la preocupación sobre las “nuevas” posibilidades de vivir la sexualidad en los días actuales a través de los estereotipos, mostrando de qué forma esta variante interfiere en el contexto de los alumnos del curso de Letras. Metodológicamente, este estudio es un enfoque cualitativo, según Minayo (2001) a partir de un levantamiento o *survey* según los preceptos de Fonseca (2002), utilizamos como instrumento de aplicación un cuestionario estructurado con los graduandos masculinos del curso de Letras Español, Inglés y Portugués, de la Universidad Estatal de Paraíba, Campus I, Campina Grande. En el tocante al instrumento de generación de datos el cuestionario fue más viable a nuestra investigación, pero los colaboradores de esta pesquisa no son identificables.

**Palabras-Clave:** Homosexualidad masculina; Prejuicio; Identidad de género; Diversidad sexual.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAMOVAY, M. (Org). **Juventudes e Sexualidade**. Brasília: UNESCO/Brasil, 2004. 428p.

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade: Entrevista a Benedetto Vecchi**. Tradução, Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro, Ed. Jorge Zahar, 2005.

BORRILLO, Daniel. **Homofobia: história e crítica de um preconceito**. Belo Horizonte: Autêntica, 2010. Livro.

BUTLER, J. Corpos que pesam – sobre os limites discursivos do “sexo”. In: LOURO, G. L. (Org.) *O corpo educado – pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

CANEN, Ana. **Universos Culturais e Representações Docentes: Subsídios para a Formação de Professores para a Diversidade Cultural**. Educação & Sociedade, ano XXII, n. 77, dez. 2001.

CASTAÑEDA, Marina. **A experiência homossexual**. São Paulo: A Girafa, 2007.

FIGUEIRÓ, Mary Neide Damico. *Homossexualidade e Educação Sexual: Construindo o respeito à diversidade*. Londrina: Ed. UEL. 2007.

FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002. Apostila.

GIDDENS, Anthony. **A transformação da intimidade: sexualidade, amor & erotismo nas sociedades modernas**. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1993.

HALL, Stuart. WOODWARD, Kathryn. **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais/ Tomaz Tadeu da Silva (org.): tradução: Tomaz Tadeu da Silva**. Petrópolis, RJ. Vozes, 2000.

ISAY, Richard A. **Tornar-se gay: o caminho da auto-aceitação**. São Paulo: Summus, 1998.

LOURO, Guacira Lopes. **Pedagogias da sexualidade**. In: LOURO, Guacira Lopes (Org.) *corpo educado: pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

LOURO, Guacira Lopes. **Heteronormatividade e homofobia**. In: JUNQUEIRA, Rogério Diniz. *Diversidade sexual na educação: problematizações sobre homofobia nas escolas*, Brasília: Secad/MEC, UNESCO, 2009.

MINAYO, M. C. S. (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 2001.

MOTT, Luiz. **Homossexualidade: Mitos e Verdades**. Salvador: Ed. Grupo Gay da Bahia, 2003.

OLIVEIRA, Rosa Maria. **Fronteiras invisíveis:** gêneros, questões identitárias e relações entre movimento homossexual e Estado no Brasil. Revista Bagoas, n. 4, p. 159-172, 2009.

SCOTT, Joan Wallach. **Gênero: uma categoria útil de análise histórica.** Educação & Realidade. Porto Alegre, vol. 20, nº 2, jul./dez., p. 71-99, 1995.

SILVA, Tomas Tadeu da (org.); HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn. **Identidade e diferença:** a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis, RJ. Vozes, 2000.